

*A roça agroecológica da família de
dona Sibá e seu João Valdeci*

Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA

Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Anny da Silva Linhares
Ronaldo Carneiro de Sousa
Yumi Maria Biagini



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
Embrapa Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão**

Mestres do Agroextrativismo no Mearim
Volume 3

***A roça agroecológica da família de
dona Sibá e seu João Valdeci***

Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA

*Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Anny da Silva Linhares
Ronaldo Carneiro de Sousa
Yumi Maria Biagini*

Embrapa
Brasília, DF
2020

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W5 Norte (final)
70770-917 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4700
Fax: (61) 3340-3624
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

Embrapa Amazônia Oriental

Trav. Dr. Enéas Pinheiro, s/nº
Caixa postal 48
66095-903 Belém, PA
Fone: (91) 3204-1000
Fax: (91) 3276-9845

Unidade responsável pelo conteúdo

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Comitê Local de Publicações
Presidente
Marília Lobo Burle

Secretária-executiva
Ana Flávia do N. Dias Côrtes

Membros

Antonieta Nassif Salomão; Bianca Damiani Marques; Diva Maria Alencar Dusi; Francisco Guilherme V. Schmidt; João Batista Teixeira; João Batista Tavares da Silva; Maria Cléria Valadares-Ingllis; Rosameres Rocha Galvão; Tânia da Silveira Agostini Costa

Editores técnicos da coleção
Roberto Porro
Anderson Cássio Sevilha

Embrapa

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W3 Norte (final)
70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
www.embrapa.br

Unidade responsável pela edição

Embrapa, Secretaria-Geral

Coordenação editorial
Alexandre de Oliveira Barcellos
Heloiza Dias da Silva
Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial
Waldir Aparecido Marouelli

Revisão de texto
Maria Cristina Ramos Jubé
Lara Aliano Farias da Silva Pereira

Normalização bibliográfica
Ana Flávia do N. Dias Côrtes
Rejane Maria de Oliveira (CRB-1/2913)

Projeto gráfico e ilustrações
Sílvia Moan

Diagramação e arte-final da capa
Leandro Sousa Fazio

1ª edição

1ª impressão (2020): 500 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

A roça agroecológica da família de dona Sibá e seu João Valdeci : Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA / Roberto Porro ... [et al.]. – Brasília, DF : Embrapa, 2020.

54 p. : il. ; 16 cm × 22 cm. – (Mestres do agroextrativismo no Mearim, 3)

ISBN 978-65-87380-01-8 (obra compl.). – ISBN 978-65-86056-96-9 (v. 3)

1. Médio Mearim. 2. Extrativismo sustentável. 3. Manejo. 4. Boas práticas. 5. Agricultura familiar. I. Porro, Roberto. II. Nascimento, Aline Souza. III. Linhares, Anny da Silva. IV. Sousa, Ronaldo Carneiro de. V. Biagini, Yumi Maria. VI. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. VII. Coleção.

CDD (21 ed.) 630.5

Ana Flávia do N. Dias Côrtes (CRB-1/1999)

© Embrapa, 2020

Autores

Roberto Porro

Engenheiro-agrônomo, doutor em Antropologia Cultural, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

Aline Souza Nascimento

Cientista social, mestranda da Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Anny da Silva Linhares

Turismóloga, mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, coordenadora da Comissão de Territórios Tradicionais do Instituto de Colonização e Terras do Maranhão, São Luís, MA

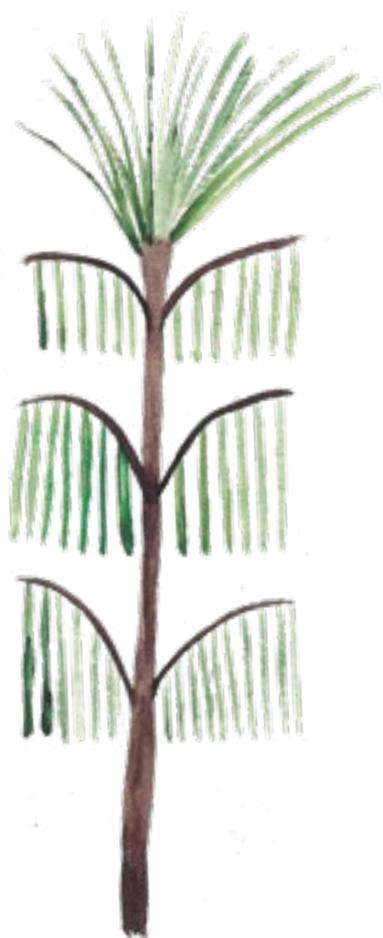
Ronaldo Carneiro de Sousa

Técnico em agropecuária, assessor da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, Pedreiras, MA

Yumi Maria Biagini

Engenheira-agrônoma, mestre em Desenvolvimento Agrícola e Rural, técnica da Parc Naturel Régional des Alpilles, Cadenet, França







Agradecimentos

Agradecemos o apoio institucional e financeiro concedido pela Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF).

Aos diretores e técnicos da Assema, que apoiaram a produção desta coleção, e especialmente às famílias que compartilharam conosco valiosas informações.

A todos aqueles que contribuíram na edição dos 30 volumes da coleção, especialmente à equipe de editoração da Embrapa. O apoio e engajamento de Nilda Sette e Waldir Marouelli foram fundamentais. E também ao Cláudio Quinto Filho, da Assema, e Renan Matias, do projeto Bem Diverso, pela elaboração dos croquis dos estabelecimentos rurais.

Esperamos que as publicações geradas contribuam para dar visibilidade aos objetivos de desenvolvimento e bem-estar das comunidades agroextrativistas do Território do Médio Mearim, no estado do Maranhão.





Apresentação

Promover o desenvolvimento local e conservar a biodiversidade brasileira é um dos objetivos do projeto Bem Diverso, implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e coordenado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). Com foco nesse objetivo, foi elaborada uma coleção de 30 publicações, intitulada Mestres do Agroextrativismo no Mearim, em parceria com a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema).

As publicações trazem experiências e iniciativas locais consideradas bem-sucedidas no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.).

A apresentação dessas experiências nesta coleção, realizada em conjunto pela Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e a Embrapa Amazônia Oriental, marca mais uma etapa do trabalho desenvolvido pelas Unidades no projeto Bem Diverso, e reúne capacidades técnicas de inovação em biomas tão importantes como a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga, que se cruzam no Território da Cidadania do Médio Mearim.

Tendo como base as iniciativas para o manejo sustentável da palmeira babaçu, a coleção aborda temas como reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas; cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; comercialização de hortaliças produzidas de forma sustentável; pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; inovações na criação de pequenos animais; processamento local de frutas, mandioca ou leite e processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

Essa diversidade de temas mostra que estabelecer parcerias, como esta entre a Embrapa e diversas entidades, valoriza o trabalho de centenas de famílias agroextrativistas que realizam atividades exitosas no manejo sustentável e ajuda a manter e divulgar os princípios que são tão caros para a unidade familiar de produção, preservando o passado e antecipando o futuro, com os saberes tradicionais e as tecnologias de ponta em um só compasso.

Maria Cléria Valadares-Inglis
Chefe-Geral da Embrapa Recursos
Genéticos e Biotecnologia





Prefácio

Mais de 130 mil pessoas vivem na área rural do Território do Médio Mearim, sobretudo agricultores familiares, assentados e comunidades quilombolas. O Médio Mearim encontra-se numa zona de transição entre a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga. Ao longo dos anos, o território perdeu boa parte da sua cobertura florestal nativa, por conta do desmatamento para formação de pastagens e agricultura extensiva. A palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.), que sempre esteve presente na rica composição da vegetação originária que cobria o território, passou a dominar a paisagem em sucessão, tornando-se a espécie florestal predominante, cobrindo vastas áreas chamadas de babaçuais, que se tornaram a base do sustento de milhares de famílias no Médio Mearim.

Por essa razão, as comunidades lutam pela proteção das palmeiras, que sofrem pressão graças à tendência de sua eliminação por pecuaristas. Essa luta é protagonizada principalmente por mulheres, as quebradeiras de coco, que, além de coletar e processar o coco-babaçu, se organizam em movimentos sociais para garantir o acesso livre aos babaçuais, tanto em áreas públicas como privadas.

No início de 2017, a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) iniciou



uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio do projeto Bem Diverso, para viabilizar a disseminação e replicabilidade de boas práticas de manejo agroextrativista realizadas no Território da Cidadania do Médio Mearim, Maranhão.

Um dos objetivos da atividade consistia em reconhecer e dar visibilidade ao esforço concreto do dia a dia das famílias agroextrativistas da área de atuação da Assema.

Com base em processo conduzido pela Assema, foram selecionadas 30 famílias entre as unidades produtivas agroextrativistas, em nove municípios do território. A seleção levou em conta o destaque das famílias na condução de uma ou mais das seguintes atividades: 1) reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade; 2) cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; 3) cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; 4) cultivo comercial de hortaliças; 5) pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; 6) inovações na criação de pequenos animais; 7) processamento de frutas, mandioca ou leite; 8) processamento do coco-babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

A sistematização e a apresentação das iniciativas locais bem-sucedidas das famílias selecionadas, no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu, bem como os principais componentes do modo de vida de unidades familiares de produção no Médio Mearim são apresentados nos 30 volumes da coleção. Cada publicação retrata, portanto, o trabalho muito mais amplo realizado por centenas de famílias no território.



Este volume consiste na sistematização das iniciativas e práticas de manejo realizadas no estabelecimento rural da família de dona Sibá e seu João Valdeci, na comunidade Centrinho do Acrísio, município de Lago do Junco, Maranhão. A família se destaca pela restauração de áreas degradadas por meio do reflorestamento, de sistemas agroflorestais e de cultivos perenes diversificados para conservação ambiental, com aumento da biodiversidade.

É importante destacar que, em praticamente todos os casos sistematizados, a iniciativa das famílias não se restringe a apenas uma atividade principal. É comum que duas ou três atividades predominantes sejam integradas no estabelecimento rural, onde também são executadas diversas outras atividades complementares.

Em cada caso, identificam-se as dimensões do caráter exitoso observado pela equipe de pesquisadores, técnicos e agentes de desenvolvimento que conduziram este trabalho ao longo de 18 meses, colhendo depoimentos, imagens e gerando textos que poderão ser utilizados em processos de aprendizado e compartilhamento do conhecimento, contribuindo, assim, para a divulgação do esforço desses mestres e mestras do agroextrativismo no Médio Mearim.

Convidamos, assim, leitores e leitoras a conhecer e compartilhar essas histórias.

Raimundo Ermino Neto
Coordenador-Geral da Associação em
Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão





Sumário

Breve trajetória **15**

Estabelecimento familiar **19**

A prática da roça agroecológica **23**

O início dos trabalhos
com a agroecologia **25**

Meios de vida **33**

Lições aprendidas **39**

Referências **43**

Foto: Aline Nascimento



Sebastiana Sirqueira, conhecida como dona Sibá, e o marido seu João Valdeci.



Breve trajetória

Sebastiana Gomes Sirqueira (56 anos), a Sibá, é nascida e criada no povoado de Centrinho do Acrísio, município de Lago do Junco. Dona Sibá é casada há 33 anos com seu João Valdeci Viana da Silva (61 anos), natural da cidade de Brejo, localizada no leste do Maranhão. O estabelecimento agrícola em que trabalharam durante 25 anos pertenceu à finada Raimunda, mãe de Sibá. Em 2008, mudaram-se para outra propriedade, que pertencia à família do seu João, um pouco mais afastada da área central do povoado de Centrinho do Acrísio.

Dona Sibá ingressou, ainda jovem, nas mobilizações por uma agricultura alternativa, realizadas pela Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura (Acesa) e, posteriormente, pelas organizações criadas pelos próprios agricultores da região, como a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema), a Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (AMTR) e a Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (Coppalj). Essas organizações têm como princípio promover a melhoria da qualidade de vida das famílias agroextrativistas e fortalecer o modo de vida tradicional e o uso sustentável dos recursos naturais.



Acesa

A Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura (Acesa) é uma organização não governamental criada em 2006, originada do movimento de animação da luta por direitos e por uma reforma agrária justa e solidária na região do Mearim, em meados da década de 1980. O movimento Animação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura nasceu em 1986, com o apoio da Vice Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção que, na época, já atuava na região, discutindo com agricultores e agricultoras a necessidade de se organizarem em suas comunidades de base. Ainda em 1986, por iniciativa do Frei Klaus Finkam, os franciscanos da Diocese de Bacabal constituíram uma equipe técnica para desenvolver um trabalho de extensão rural, com especial atenção à busca da saúde integral, baseada numa alimentação saudável e produção agrícola com base em princípios agroecológicos. A Acesa vem tecendo histórias com os agricultores e agricultoras familiares, assessorando-os em seus processos de luta por direitos essenciais no campo da agroecologia, soberania e segurança alimentar e nutricional, educação contextualizada, saúde, políticas públicas e incidência política nos seus espaços de atuação e ação¹.

Em 1991, seu João integrou a diretoria da Coppalj e, em seguida, assumiu a Secretaria de Agricultura de Lago do Junco, cabendo à dona Sibá suprir sua ausência no trabalho produtivo. Inicialmente, foi preciso pagar diárias para trabalhadores. Porém, aos poucos, ela assumiu todas as tarefas, além do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos, conciliados com viagens e participação em reuniões das organizações que os dois integravam.

¹ Disponível em: <<http://www.acesa.eco.br>>.

Dona Sibá relata que, num determinado momento, passou a se perguntar sobre o fato de ter conhecimentos acumulados por meio das inúmeras formações que havia participado e não colocá-los em prática: “aí eu pensei: se eu puder contribuir, vou contribuir com coisas concretas”. A partir de então, diminuiu o fluxo de viagens e se empenhou objetivamente no trabalho na propriedade, buscando aplicar os seus aprendizados.





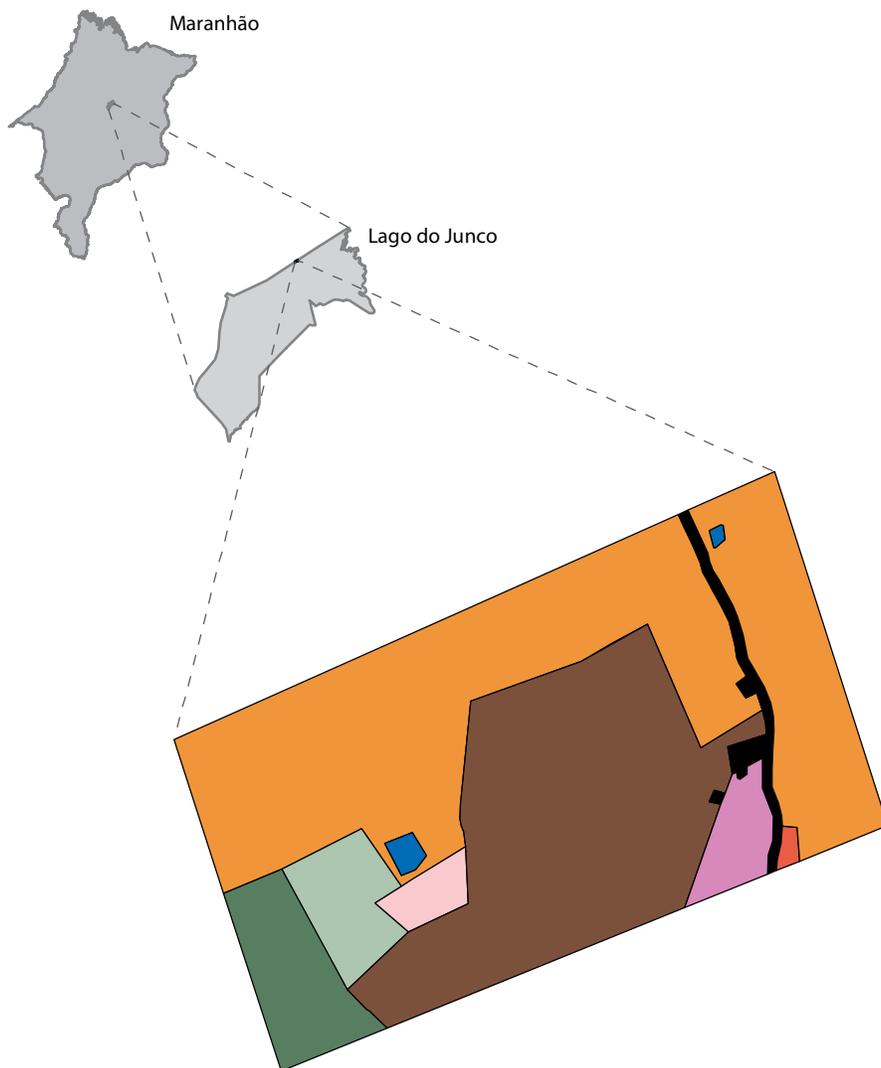


Estabelecimento familiar

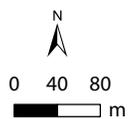
O mapa a seguir indica a localização do estabelecimento de dona Sibá e seu João Valdeci em Centrinho do Acrísio, comunidade que conta, hoje, com 36 famílias residentes, e localiza-se a 35 km da sede do município de Lago do Junco, embora situe-se mais próximo à sede do município de Bom Lugar (18 km). Em média, são necessários 30 minutos para o deslocamento até a sede deste município. Conforme indicado no mapa, o lote da família situa-se próximo da divisa entre os municípios de Lago do Junco e Bom Lugar.

O casal possui, portanto, duas propriedades na comunidade de Centrinho do Acrísio. A primeira pertenceu à família de dona Sibá, mas atualmente está sob a responsabilidade de um dos filhos do casal. A segunda, que há 10 anos é o local da residência da família, possui área de 20,5 ha (hectares), e é representada no croqui.

O imóvel onde a família mora atualmente e estabelece sua unidade produtiva é dividido entre áreas de babaçual (6,7 ha), capoeirão/reserva florestal (1,4 ha), capoeira enriquecida (0,9 ha), pastagem com



- Fruteira / caju (0,3 ha)
- Pomar (0,6 ha)
- Roça (0,1 ha)
- Pastagem com babaçu (média densidade) (10,5 ha)
- Babaçual (6,7 ha)
- Capoeira enriquecida (0,9 ha)
- Capoeirão (1,4 ha)
- Construções / terra nua (0,5 ha)
- Açude (860 m²)



Localização e croqui do estabelecimento familiar.

Fonte: Adaptado de Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

babaçu (10,5 ha), plantio de fruteiras (0,3 ha), pomar (0,6 ha), roça (0,1 ha) e um açude com 860 m². Além da moradia, no estabelecimento encontramos outras construções como uma pocilga e um galinheiro.

Nesse estabelecimento, há uma grande quantidade de árvores frutíferas como cajueiro, goiabeira, aceroleira, açazeiro, ingazeiro, limoeiro, muricizeiro, bacurizeiro, mangueira (quatro variedades), ateira, pé de noni, cajaraneira, além de bananeira (sete variedades), videira, mamoeiro, abacaxizeiro e maracujazeiro (duas variedades). Na área de reserva florestal, foram implantadas espécies madeireiras nativas como sabiá, toari, mutambo, cabelo-de-cutia, tuturubá e maçaranduba, consorciadas com espécies frutíferas.



Foto: Aline Nascimento

Residência do casal em Centrinho do Acrísio, Lago do Junco.





A prática da roça agroecológica

Durante os longos anos em que moraram no lote que pertenceu à família de dona Sibá, ela e seu João cultivaram abacaxizeiro, bananeira, cafeeiro, limoeiro e laranjeira, enquanto a área onde moram atualmente era apenas voltada à produção de hortaliças. Foi somente em 2010, após terem mudado definitivamente para essa terra, que passaram a desenvolver um sistema agroecológico diversificado com sistemas agroflorestais (SAFs), implantado quase exclusivamente por dona Sibá, em virtude das ocupações do seu companheiro:

As mulheres sempre assumiram um papel de destaque na promoção da agroecologia, seja nas áreas de produção, beneficiamento e comercialização de alimentos ecológicos, seja na geração e disseminação de conhecimentos. Com seu olhar problematizador, fazem uma leitura diferenciada da agricultura e propõem alternativas produtivas e econômicas frequentemente motivadas por questões ligadas à reprodução da vida. No entanto, devido às relações desiguais de poder entre homens e mulheres, seus saberes e experiências costumam não ser reconhecidos. (Aguiar et al., 2009, p. 46).

O protagonismo de dona Sibá na promoção da agroecologia em seu estabelecimento demonstra o quanto as mulheres têm contribuído de modo determinante para a conservação da biodiversidade, o resgate das sementes, a soberania e a segurança alimentar no campo.

Ao comentar a importância de sua produção, dona Sibá relata que “contribui tanto para o consumo da família como para a venda do excedente”, pois “se você tem vários produtos você facilita o comércio”. Na divisão do trabalho, a comercialização dos produtos fica sob a responsabilidade do seu João, que os oferece de casa em casa na comunidade e nas redondezas. A irmã de dona Sibá, Damiana, que mora com o casal, assume o cuidado da casa e realiza a coleta e quebra do coco, enquanto Sibá trabalha diariamente no manejo de sua propriedade e, quando possível, também na coleta do babaçu.





O início dos trabalhos com a agroecologia

A mudança para o novo estabelecimento não agradava, inicialmente, alguns membros da família por ser considerada uma área isolada. Entretanto, dona Sibá insistia na ideia:

Falei para eles: nós vamos construir é lá. Se ninguém quiser morar eu vou só. Aí comecei e agora todo mundo está aqui. Ninguém queria vir aqui porque é afastado. E eu queria vir aqui justamente porque é afastado. Lá era mais difícil ter o que eu tenho aqui por causa dos animais soltos dos vizinhos. Uma horta lá teria que ser toda cercadinha. A outra coisa é que aqui estou mais perto do meu serviço: sai daqui, já estou dentro. Aqui tem tranquilidade também.

A ideia do pomar nasceu a partir das suas vivências em associações que discutiam a questão da produção com os agricultores. Ela afirma que antes “tinha as ideias, mas vivia no escuro” por não saber como executar. Foi trocando experiências e adquirindo conhecimentos com outras famílias que “as aprendizagens foram aumentando, se estendendo”. O sistema implantado no lote é resultado dessas trocas e observações, mas também da experimentação da trabalhadora.



Dona Sibá demonstra o manejo executado na área dos cajueiros.

A área de produção inclui um consórcio de espécies madeireiras e frutíferas. A conservação de madeireiras e o plantio recente de novas mudas de mogno e ipê somam-se aos esforços para a recuperação das plantações de açai consorciado com babaçueiro e cajazeira.

Dona Sibá instalou ainda bananeiras plantadas em carreiras intercaladas com abacaxizeiros. Como ela fez questão de relatar,

[...] esse sistema de banana com abacaxi não foi nenhum técnico de nenhuma associação que falou: faz isso [que] vai dar certo. Eu vi numa troca de experiência entre lavradores, na propriedade de um agricultor. Lá nem tinha um plantio, tinha uma touceira de banana e um pé de abacaxi do lado e os dois estavam muito bonitos. Aí pensei: será que pode dar certo isso? Aí aquilo ficou comigo e eu vim praticar. Pensei: eu vou plantar o bananal. Plantei as bananeiras e entre as linhas plantei o abacaxi. Aí deu certo, e fui só aumentando. Eu fui experimentar, tentar. Esse sistema não tem receita pronta, ele nunca se conclui, você vai descobrir aos poucos e fazer acontecer.



Foto: Roberto Piro

Dona Sibá mostra o local onde será fabricado carvão a partir do babaçu.



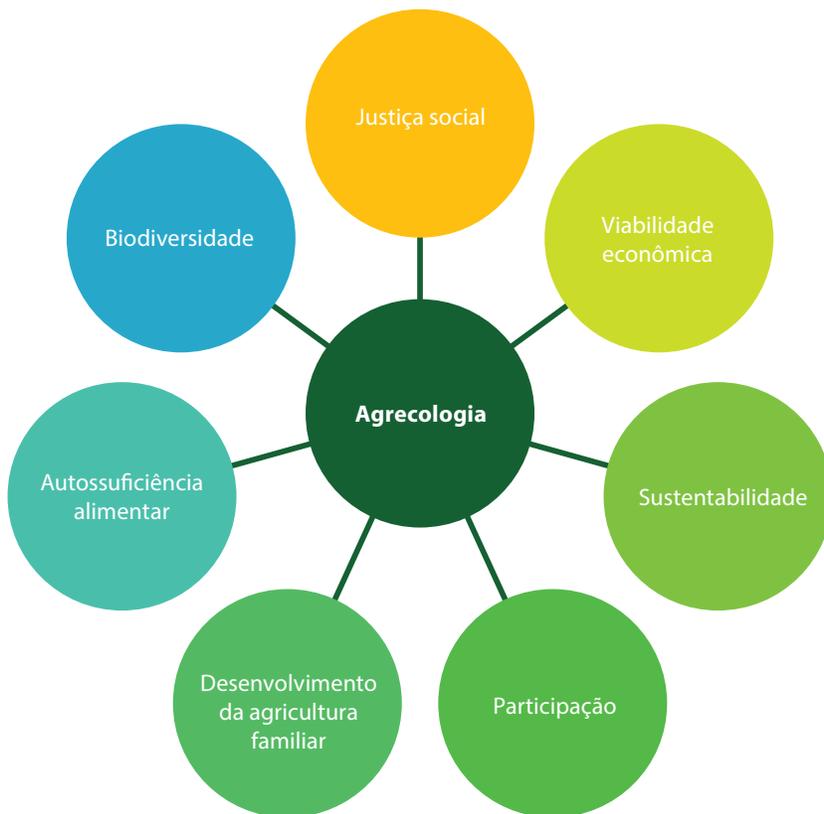
As sementes de todas as árvores plantadas no estabelecimento foram trocadas com outras pessoas ou recuperadas por ela, que produz as mudas.

O sistema produtivo ainda não está concluído da forma almejada, mas os avanços alcançados até o momento servem como referência de produção agroecológica e diversificada para outras famílias. A particularidade do estabelecimento é possuir um sistema agroflorestal com espécies frutíferas consorciadas com madeireiras, garantindo uma produção diversificada. A partir da experiência de dona Sibá, é possível compreender que o trabalho realizado para o desenvolvimento do sistema produtivo agroecológico não se limita à mera aplicação de um conjunto de práticas e ferramentas de produção, mas é também uma mudança no estilo de vida a partir do qual novas relações e visões de mundo são construídas (Dubeux; Medeiros, 2015).

De fato, a prática produtiva da agroecologia abrange as dimensões sociais, ambientais e econômicas, tendo como foco central a sustentabilidade dos recursos naturais. Nas palavras de Altieri (2004, p. 21):

A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis.

Enquanto expressão política do movimento social, a agroecologia tem sido apresentada como alternativa social e técnica capaz de superar os impasses do atual padrão de agricultura e de desenvolvimento. Na figura a seguir, podemos identificar algumas características da agroecologia.



Princípios básicos da Agroecologia.

A interação entre os sistemas de produção animal e vegetal é importante para a sustentabilidade dos recursos. Dessa forma, no estabelecimento da dona Sibá, os animais também se alimentam quase exclusivamente do que é produzido no lote. É o caso do gado, das galinhas e dos porcos. Os bovinos se alimentam nas pastagens e com uma ração feita com casca de mandioca, casca de banana, casca de abacaxi, mamão, torta de babaçu e cuim (farelo) de arroz. Por sua vez, as galinhas são alimentadas com milho, xerém de arroz e feijão gandu; e os porcos, com torta de babaçu, cuim



Criação de galinhas pela família de dona Sibá.

de arroz, mandioca e, por vezes, palmito dos capoteiros (palmeiras jovens) desbastados da área. Com o reaproveitamento de insumos do próprio estabelecimento, a lavradora minimiza perdas e desperdícios, além de promover a economia no modo de produção.

Numa forma de correspondência mútua, os animais também contribuem para esse processo, gerando esterco para adubar os cultivos. O esterco de galinha é utilizado no pomar, e o do gado, para compostagem usada na horta e nos canteiros.



Foto: Aline Nascimento

João Valdeci coloca água para os animais de sua criação.



Foto: Aline Nascimento

Irmã de dona Sibá, Damiana ajuda com os afazeres domésticos.

A urina do gado é usada como defensivo natural, e o leite, como remédio para doenças como o mal da folha amarela do quiabo. Outros defensivos alternativos utilizados são a solução de folhas de nim e a manipueira da mandioca. Ainda são reaproveitados restos de comida que se decompõem diretamente no solo. Além de garantirem segurança alimentar, o uso desses insumos contribui para a sustentabilidade do meio ambiente e dos recursos naturais, pois elimina o emprego de agrotóxicos e de outros insumos químicos nocivos.



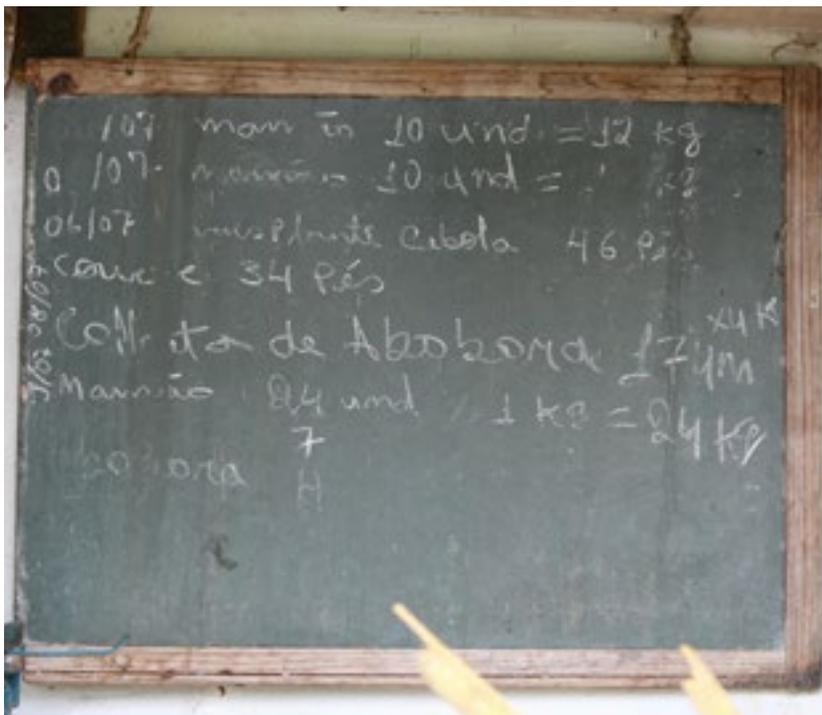


Meios de vida

O sistema produtivo implantado e cuidado por dona Sibá tem propiciado autonomia para a família, possibilitando a redução dos custos de produção, garantindo a soberania e segurança alimentar e assegurando a disponibilidade das sementes, ou seja, gerando autonomia na gestão produtiva.

Das espécies plantadas, o feijão e a mandioca são para o consumo familiar, bem como a carne, os ovos e o leite que, em virtude da quantidade produzida, não precisam ser adquiridos. No estabelecimento, são fabricadas ainda a farinha de puba e a tapioca a partir da mandioca, além de extraídos regularmente o azeite do coco-babaçu, utilizado nas refeições. Desse modo, só compram óleo da Coppalj, para fazer o próprio sabão, e os itens que não produzem, como café, açúcar, sal, sabão em pó, vinagre e condimentos. De acordo com dona Sibá,

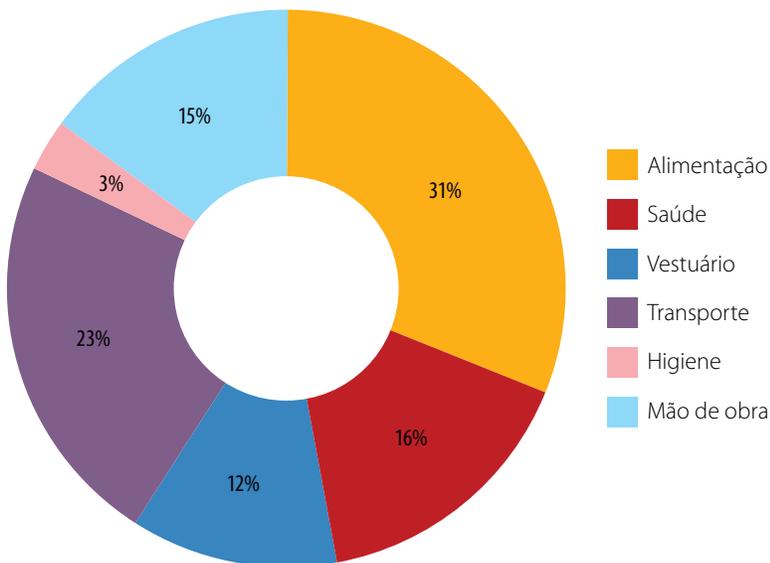
[...] o que é de fora, parte a gente sabe que é contaminado com agrotóxicos, com hormônios, são produtos que vêm do agronegócio. A diferença com nossa agricultura é muito grande: é livre de agrotóxicos e também dessa violência porque o agronegócio trabalha muito com monocultivo, devasta um monte de coisas para produzir uma.



Anotações feitas pelo casal sobre sua produção e demais atividades.

Quanto aos gastos familiares, conforme observado no gráfico a seguir, elaborado com base na informação prestada pela família sobre as despesas mensais em meados de 2017, observamos que a alimentação representava 31% do total dessas despesas.

A despesa com alimentação, apesar de constituir um terço do orçamento mensal, seria muito maior, visto que Sibá e a família produzem boa parte do que consomem. E esse resultado deve-se a investimentos nos cultivos e nas criações diversificadas que suprem demandas domésticas com alimentação e também possibilitam a geração de renda.



Gastos familiares.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

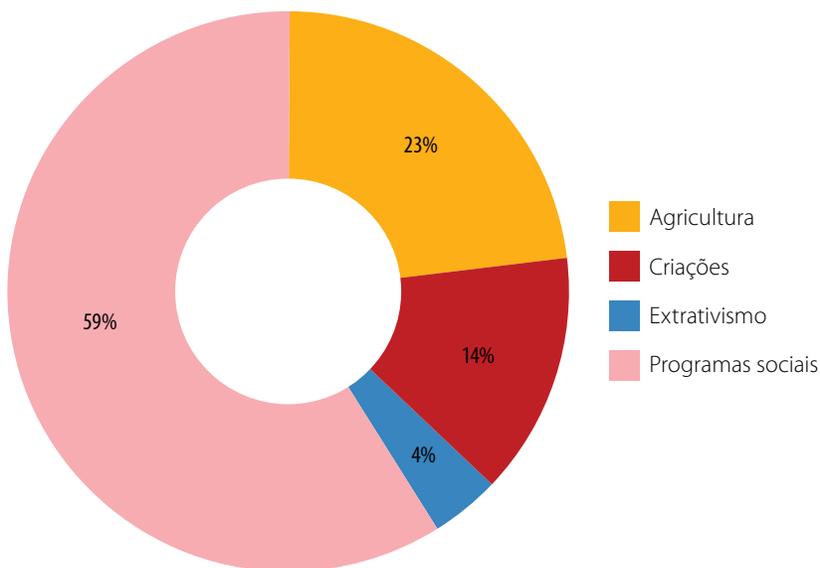
Da produção são comercializados, principalmente, o abacaxi, a banana, o mamão e os produtos da horta como o quiabo, o maxixe, o cuxá, o cheiro-verde, o coentro e a cebola, quando há produção suficiente. O preço das frutas varia conforme o tamanho e a variedade. O leite é vendido todos os dias na comunidade. A família também vende carne de porco, carne de gado e ovos. Porém, enfrenta ainda alguns problemas na comercialização em virtude da ausência de mercado para seus produtos orgânicos.

No gráfico a seguir, elaborado com base nas informações da família sobre as principais fontes de renda monetária no domicílio, ao longo do ano agrícola 2016/2017, é possível identificar a relevância monetária de programas sociais, no caso a aposentadoria recebida pelo pai de dona Sibá, que também reside com o casal.



Tais resultados indicam que, no período em questão, os produtos agrícolas e da criação animal, que, respectivamente, chegaram a 23% e 14% das fontes de renda monetária, alcançaram relevância muito maior em razão da sua contribuição para a renda não monetária da família (ou seja, a importância para o consumo).

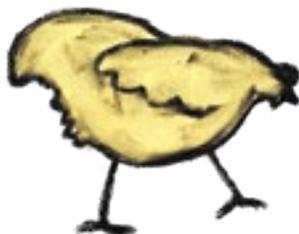
Muitos elementos produtivos que precisam compor o sistema integrado já foram implantados no lote. Contudo, ainda é necessário melhorá-los, concluir o pomar e enriquecê-lo com outras espécies frutíferas e madeireiras. Dona Sibá está tentando melhorar suas vacas e aumentar a produtividade da horta por meio de um sistema de irrigação. Ela pretende valorizar ainda mais os seus produtos, e, para isso, pensa em adquirir um desidratador de frutas para aproveitá-las e não perder a produção por falta de mercado.



Fontes de renda monetária.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

Das dificuldades enfrentadas, a falta de água é, segundo dona Sibá, o que mais prejudica a produção. Há também críticas pelo modo alternativo que produz, mas ela afirma que “a gente tem que enfrentar as críticas, resistir. Tem hora que a gente sente que está sozinho, até na casa da gente, na família, a gente encontra barreiras”. A resistência em trabalhar de uma forma diferenciada requer muita determinação do produtor, e dona Sibá é exemplo disso.







Lições aprendidas

No estabelecimento, o protagonismo é feminino. É pela persistência de dona Sibá que práticas têm sido inovadas, os sistemas produtivos recriados e assegurado o acesso familiar à segurança alimentar e nutricional. Das mudanças resultantes dos esforços empreendidos, o acesso à alimentação saudável é apontado por ela como uma das principais conquistas, pois considera que “agroecologia é produzir e comer alimentos saudáveis e expandir para os outros”.

A renda da família também melhorou, como avalia dona Sibá:

De lá pra cá, todo dia entra dinheiro. A gente vende uma coisa. Quando não é uma coisa é outra, pelo fato de ter diversidade. Não é um produto único, o leite é de todo dia, vende um pouco de abacaxi, banana. Quando não tinha as frutas nesse sistema, a gente às vezes vendia farinha e feijão. Arroz a gente vendia, mas era pouco, sempre foi mais para consumo. Com o complemento dessas plantações, a gente ganha um pouco todo dia.



Dona Sibá cultiva hortaliças no canteiro.

Além disso, uma consciência ambiental é aprendida e repassada para as novas gerações, como os netos. A partir das mudanças de hábito da própria família, ela afirma que “aqui em casa a gente nem encontra alguns restos, vidros, plástico”. A coleta do lixo passou a ser seletiva: “nós temos o balde dos porcos, o balde das vacas, as cascas são usadas para os bichos ou para botar nas plantas. As crianças já sabem onde botar as coisas. Isso faz parte do nosso sistema de convivência”.

O que também chama atenção é o convívio com os animais, o reconhecimento da importância da biodiversidade, principalmente, para o equilíbrio do sistema. Para dona Sibá, “a diversidade é

importante porque uma coisa ajuda a outra”. Nessa perspectiva, ela afirma que o que muitos consideram praga, para ela contribui para a agricultura agroecológica. Em virtude disso,

[...] tem que saber conviver com a ideia que uma coisa faz parte da outra [...]. Se não há diversidade não há agricultura agroecológica. Quando tem praga de [muito] inseto é porque já está sem controle e quando não existe controle é porque está desequilibrado. Se eles estão comendo esses frutos é porque está faltando para eles na floresta, porque devastaram a floresta deles. Se o povo não mata, vê reaparecer alguns animais que não existiam mais nesse lugar. Eles fazem parte do sistema, eles também contribuem. [...] É a história do convívio. Para mim a agroecologia é vida, e a diversidade é tudo.







Referências

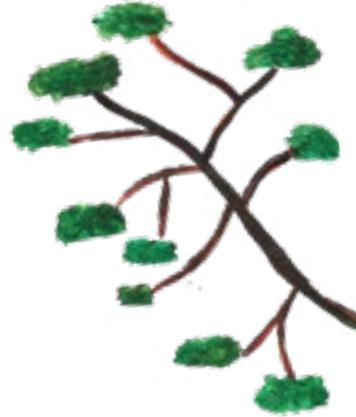
AGUIAR, M. V.; SILIPRANDI, E.; PACHECO, M. E. Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia. **Agriculturas: experiências em agroecologia**, v. 6, n. 4, p. 46-48, dez. 2009. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Agriculturas_v6n4.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2018.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2004. 117 p.

ASSOCIAÇÃO EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO. **Diagnóstico socioeconômico da agricultura familiar no Médio Mearim**: agosto-novembro 2017. [Pedreiras, MA: Assema], 2018. Relatório não publicado.

DUBEUX, A.; MEDEIROS, A. As experiências sistematizadas: o sentido do diálogo de saberes. In: MEDEIROS, A.; AGUIAR, M. V.; DUBEUX, A. (Org.). **Agroecologia na convivência com o semiárido**: experiências vividas, sentidas e aprendidas. Recife: Ed. dos Organizadores, 2015.





Coleção Mestres do Agroextrativismo no Mearim

Reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade

- Volume 1 O novo reforço na produção agroflorestal de Domingos Mariano e Ivanilde
Quilombo São Bento do Juvenal, Peritoró, MA
- Volume 2 A produção da família Alves de Sousa aliada à recuperação do solo
Centro do Bertolino, Lago do Junco, MA
- Volume 3 A roça agroecológica da família de dona Sibá e seu João Valdeci
Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA
- Volume 4 As vivências da família Sousa Lopes na construção da diversidade
Pau Ferrado dos Procópio, Lago do Junco, MA
- Volume 5 A preservação da biodiversidade pela família Santos
Povoado de Mangueira, Lima Campos, MA



Cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área

- Volume 6 A tradição da família de dona Belinha no cultivo do feijão abafado
Povoado do Lago do Sigismundo, Esperantinópolis, MA
- Volume 7 A recuperação da roça por meio de capoeiras de sabiá da família Soares
Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA
- Volume 8 As vivências da família Martins na produção agroecológica
Povoado Nova Olinda, Lima Campos, MA

Cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental

- Volume 9 As boas práticas da família Pereira Santana
Sítio Novo, Lago do Junco, MA
- Volume 10 Alcimar e Maria de Fátima e a tradicional prática da roça no toco
Vila Nova, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA
- Volume 11 As boas práticas de produção sustentável da família Araújo
Povoado Palmeiral, Esperantinópolis, MA

Cultivos comerciais sustentáveis de hortaliças

- Volume 12 As boas práticas na produção agroecológica da família Furtado
Centro da Zozima, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 13 O exemplo da família de Josilene e Mizael no cultivo da horta

Povoado de Três Poços, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 14 As inovações de Rosa e Tião para uma boa produção em pequenas áreas

Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA

Pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais

Volume 15 As boas práticas dos Sousa na criação bovina em babaçuais

Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA

Volume 16 A integração de cultivos, criações e extrativismo pela família Cordeiro

São José dos Mouras, Lima Campos, MA

Volume 17 A experiência da família Meneses no manejo do babaçu em pastagens

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Inovações na criação de pequenos animais

Volume 18 A diversidade da criação animal da família Monteiro

Povoado Canafístula, Esperantinópolis, MA

Volume 19 A integração das atividades produtivas da família Sousa

Povoado Baixinha, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 20 Sebastião e Maria de Fátima: produção aliada à conservação

Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA



Volume 21 A vivência dos Freitas no manejo da roça e na criação de aves

Povoado de Alto Alegre, Lago da Pedra, MA

Processamento local de frutas, mandioca e leite

Volume 22 A diversificação da produção de dona Lila e seu Toinho

Comunidade Centro dos Cocos, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 23 Dona Beta e seu Matias pela preservação da vida e do solo

Estrada da Vitória, Poção de Pedras, MA

Volume 24 As boas práticas de produção e processamento da família de Lúcia e Chico Fartura

Povoado Serrinha, Igarapé Grande, MA

Volume 25 A qualidade da produção tradicional de queijo por Francisca e José Meneses

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato

Volume 26 Os saberes da família Rego da Silva e o artesanato com babaçu

Centro do Coroatá, Esperantinópolis, MA

Volume 27 As boas práticas de dona Alódia na produção do sabonete de babaçu da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais

Comunidade Ludovico, Lago do Junco, MA

Volume 28 A tradição do coco-babaçu na família de Francilene e Antônio Adão

Povoado São João da Mata, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 29 A produção artesanal de azeite de babaçu da família Santos

Serra Quebrada, Poção de Pedras, MA

Volume 30 Francisca e Miguel e a beleza na produção do pacará

Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA







O projeto Bem Diverso visa contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira em paisagens de múltiplos usos, por meio do manejo sustentável de espécies e de sistemas agroflorestais (SAFs), de forma a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e dos agricultores familiares, gerando renda e melhorando a qualidade de vida.

Fruto da parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o projeto é executado com o apoio de organizações do governo e da sociedade civil com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). As atividades tiveram início em 2016 e vão até 2020. Os principais eixos são a promoção do desenvolvimento sustentável de seis Territórios da Cidadania (TCs), por meio do uso da biodiversidade e de sistemas agroflorestais, e a geração de subsídios para aperfeiçoar as políticas públicas sobre uso sustentável e conservação da biodiversidade.

O Bem Diverso atua nos biomas Cerrado, Caatinga e Amazônia, reconhecidos pela importância socioambiental, mas ameaçados pelo desmatamento e aumento de práticas agrícolas insustentáveis. Nesses biomas, o projeto trabalha diretamente em seis TCs: TC Alto Rio Pardo (MG) e TC Médio Mearim (MA) no bioma Cerrado;

TC Sobral (CE) e TC Sertão de São Francisco (BA) no bioma Caatinga; e TC Alto Acre e Capixaba (AC) e TC Marajó (PA) no bioma Amazônia.

Os TCs são caracterizados por elevada biodiversidade; pela presença de espécies de plantas de importância econômica, manejadas por comunidades locais; pelo potencial para melhoria da qualidade dos produtos da biodiversidade, desde a coleta, passando pelo processamento até o consumo; e pela possibilidade para desenvolver ações com SAFs.

Contato

Parque Estação Biológica (PqEB), s/nº

70770-901 Brasília, DF

Fone: (61) 3448-4912

E-mail: contato@bemdiverso.org.br

www.bemdiverso.org.br





A Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) é uma organização privada sem fins lucrativos de caráter regional, criada e liderada por agricultores(as) familiares e extrativistas do coco-babaçu. Fundada em 1989, a Assema tem sede na cidade de Pedreiras, localizada na parte central do estado do Maranhão, e tem por missão promover a melhoria da qualidade de vida das famílias agroextrativistas. Instituição parceira do projeto Bem Diverso no Território da Cidadania do Médio Mearim, no Maranhão, a Assema promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais.

Os objetivos estratégicos da Assema incluem combater as desigualdades de gênero e geração; contribuir para a produção de alimentos seguros e diversificados destinados ao autoconsumo e mercados; gerar renda por meio da organização dos processos comerciais cooperativistas e associativos no mercado justo e solidário; apoiar ações de educação contextualizada em escolas públicas rurais e de alternância; e empoderar os sujeitos para a intervenção nos espaços de tomada de decisão em políticas públicas destinadas à agricultura familiar.

A Assema é uma entidade plural que incorpora segmentos e ações diferenciadas, o que tem possibilitado amadurecimento na

forma de gestão participativa em que a orientação de suas ações parte das organizações de base. Para atender a essa dinâmica, conta-se com uma estrutura organizacional composta por áreas de Governança e Gestão Programática, Mobilização e Visibilidade.

Contato

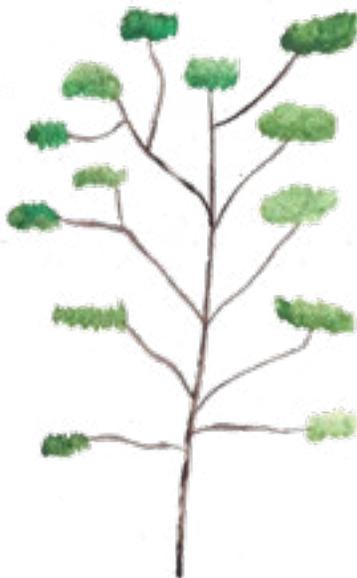
Rua da Prainha 551

Bairro São Benedito

65725-000 Pedreiras, MA

Fones: (99) 3642-2061 / (99) 3624-2152 / (99) 3634-1463

www.assema.org.br





Impressão e acabamento

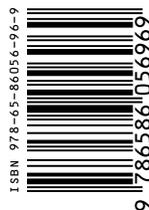




Patrocínio



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



CGPE 15706